O PROPAGADOR DA INDUSTRIA RIO-GRANDENSE.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL "HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA"

QUARTA FEIRA 20 DE FEVEREIRO. | *Le travail est l'ame du monde: sans l'ui tout perit, par lui tout prospere.* BLANQUI. | ANNO DE 1833. NUMERO 6.

VILLA DO RIO GRANDE DO SUL. 1833. NA TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO XAVIER FERRIRA.

INTERIOR.

RIO GRANDE.

ECONOMIA PUBLICA.

Acção do Governo sobre a industria.

Quando o Escritor publico, e o cidadão illustrado é zellozo pela prosperidade geral, querem persuadir o povo a entregar-se ao trabalho, he muito frequente ouvir-se repetir, que o Governo não anima, nem protege a industria, e que sem este soccorro os particulares naõ podem fazer prosperar as origens da riqueza. Esta queixa e oppinião alem de injusta, he nascida de hum erro vulgar, e da ignorancia dos verdadeiros principios do desenvolvimento da riqueza.

O Governo do Brasil, isto he, os Poderes Politicos, que concorrem para a formação e execução das Leis, não pode dar huma protecção pecuniaria e directa á industria, porque tem a seu cargo o solvimento de huma pezada divida interna e externa, e o credito e dignidade da Nação, preferivel a qualquer outra necessidade; mas quando aquelle genero de protecção fosse possivel; se o Governo do Brasil tivesse, em vez de hum deficit, hum saldo consideravel de rendas, em vez de huma divida enorme, hum capital avultado no Thesouro Publico, não teria geralmente lugar a sua applicação para o auxilio da industria, de hum modo directo, por meio de premios pecuniarios e desembolsos a favor de tal, ou taes estabelecimentos particulares, de tal ou taes emprehendedores, segundo se concebe vulgarmente.

Huma protecção especial dada a hum genero de industria; ou a hum individuo, diz o Economista Droz, não he verdadeiramente util, se não quando serve para a instrucção de todos, e não prejudica a liberdade de algum; e em geral o auxilio dado a hum ramo de industria he prejudicial aos outros, e muitas vezes serve so de recompensa á intriga, e corrupçao, acobertada com o pretexto do bem publico.

Quando as artes estão na infancia, he possivel, que hum auxilio parcial, tenha huma influencia geral, despertando os espiritos; mas depois o emprego deste meio pode produzir effeitos oppostos: quando se concede protecção particular a hum emprehendedor, os outros desanimaõ-se e não podem concorrer com elle, e o Governo não pode abrir o Thesouro a todos; vindo assim aquella protecção, a ser em vez de vivificadora, destructiva da industria. Alem disto he muito prejudicial ao desenvolvimento dos meios de producçaõ, estabelecer no classe industrioza a oppiniaõ de que ella depende da protecçaõ do Governo para empregar os seus meios: he necessario que os homens contem com as suas proprias forças, e que estejão convencidos de que a intelligencia, a economia, a actividade, e o espirso de associação podem vencer todos os obstaculos. Persuadido hum povo desta verdade, as emprezas tornão-se numerozas, subsistem e prosperão; e isto de huma maneira bem mais estavel, do que quando dependem das vistas particulares e principios economicos de algum Ministro. Que seria da industria do Brasil se ella dependesse da protecção de huma Administração, que tem soffrido no seu pessoal mudanças sem conta, e na qual hum Ministro zelozo, e com os meios, que lhe faltão, apenas teria tempo para conceber alguns projectos dos infinitos melhoramentos, que carece o vasto territorio Brasileiro? Os homens em geral, ou seja pelo sentimento da rivalidade de gloria, ou pelo sentimento ignobil da inveja, naõ gostaõ de ver completar os planos que daõ honra aos seus antecessores; deixaõ-os no esquecimento, e entregaõ-se a outros de sua concepçaõ: mas estes, por effeito daquella causa geral, tem ordinariamente a mesma sorte: para acontecer o contrario disto

he necessario hum esforço, pouco vulgar, do Patriotismo sobre o amor proprio. Que haveria pois a esperar no nosso Paiz destas Administrações ephemeras, das quaes algumas, quando chega a noticia da sua existencia ás mais proximas provincias, ja naõ existem?

A protecçaõ, que nos deve o Governo, e que nós devemos exigir delle, para o desenvolvimento da industria, consiste na propagaçaõ da instrucçaõ, na liberdade do trabalho, no respeito, e segurança de todos os generos de propriedade; na energia para comprimir os agitadores; na punição do crime (sobre tudo da falta de fé nos contractos, e da conivencia com ella); nas distincções de merito, e previlegios legaes aos homens industriosos, que tiverem augmentado, ou aperfeiçoado por seos trabalhos os meios de producçaõ; consiste, e muito particularmente, no melhoramento do meio circulante, na proscripção dessa inundação de moeda depreciada, e incommoda, mal que pesa alem de todos os outros sobre a Nação; consiste finalmente em manter a paz e relações amigaveis e commerciaes com os povos, que podem trocar os seos productos pelos nossos. Estes meios estão ao alcance do Governo (*), e temos todo o direito a exigi-los d'elle; mas afora aquella protecção indirecta, de nós depende o desenvolvimento da nossa industria, e o augmento da riqueza publica. Se faltaõ a cada hum em particular os capitaes para abrir hum canal, fazer navegavel hum rio, ou alguma outra empreza util e necessaria para o commercio; se lhe faltaõ as sommas avultadas, que exige huma especulação mais vasta, ou hum estabelecimento industrial em grande; se hum so cidadão naõ pode especular sobre a introducção de huma colonia, que ao mesmo tempo augmente a força publica pelo acrescimo da população, e os productos do paiz, e sirva de lucro a elle especulador; se os pequenos capitaes particulares naõ podem assim separados prehencher aquelles ou outros projectos importantes, ha o remedio nas associações, que trazem sempre comsigo as ideas de força e poder. Succeda ao egoismo da divisaõ o espirito de associaçaõ, e naõ faltaraõ capitaes para quantas emprezas se possaõ conceber, havendo aliás a segurança, que depende do socego, e da execuçaõ das Leis. Nos já temos nesta provincia algumas provas praticas desta verdade, e os paizes extrangeiros offerecem nos incalculaveis exemplos da efficacia deste meio poderoso, para augmentar a riqueza publica das Nações. Acreditem Brasileiros, pois os que nada falta para a grandeza prodigioza, a que he chamado este Pais, o mais rico do Mundo, senaõ o trabalho illustrado, a tranquillidade, e o espirito de associação.

(*) Naõ se perca de vista, que por Governo sempre entendemos aqui o complexo dos Poderes Politicos.

ECONOMIA RURAL.

Fontes Artesianas.

Os trabalhos emprehendidos para tirar da terra os repuxos d'agoa, a que se dá o nome de --Fontes Artesianas-- e os successos daquelles trabalhos em muitos lugares, tem vivamente excitado a attenção Publica nos dous hemispherios; e a nossa Assemblea Legislativa, e o Governo, ja tomarão em consideração este objecto na Resolução, que aqui transcrevemos.

A Regencia, em Nome do Imperador o Sr. D. Pedro Segundo, Ha por bem sanccionar, e mandar que se execute a seguinte Resolução da Assemblea Geral Legislativa:

Art. I. O Governo mandará abrir Fontes Artesianas, podendo empregar neste trabalho Engenheiros naturaes, ou mandar vir da Europa dous Engenheiros bastantemente habeis em as fazer.

Art. II. Tambem mandará comprar os instrumentos necessarios para abrir os furos nos differentes terrenos, sendo porem os instrumentos escolhidos pelos mesmos Engenheiros.

Jozé Lino Coutinho do Conselho do Mesmo Imperador, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, o tenha assim entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro em onze de Novembro de mil oitocentos e trinta e hum. Decimo da Independencia e do Imperio.

Francisco de Lima e Silva.
José da Costa Carvalho.
João Braulio Moniz.
José Lino Coitinho.

A Resolução transcripta, que athe ao presente não nos consta, que tenha sido executada, he huma prova do que deixamos escripto, no primeiro artigo deste numero, sobre a protecção directa dos Governos á Industria. Nós estamos cabalmente persuadidos da zello da actual Administração, e das que a tem precedido desde a data daquella Resolução; mas o facto he que não foi ainda executada, e as razões não podem ser outras, senão as que temos apontado, isto he a falta de tempo, e a afluencia dos Negocios e Exigencias Publicas;

causas, que nascem da naturesa das cousas, e não do pessoal da Administração. Será pois conveniente, que os particulares se resolvão a marchar, no caminho dos adiantamentos, sem o apoio do Governo; e he para os exitar no objecto de que se trata, e facilitar-lhes a sua realização, que nós lhes offerecemos a seguinte noticia.

Historia das Fontes Artisianas.

Estas fontes, não são de invenção moderna; antes pelo contrario parece terem feito parte dos bellos trabalhos hydraulicos, de que a Antiguidade nos tem deixado alguns vestigios. Faze-se mesmo remontar aos tempos dos Patriarcas pastores a existencia de algumas daquellas fontes, que ainda offerece o Oriente, e principalmente nos desertos da Syria e da Arabia etc.; mas supposto que fossem fundadas sobre os mesmos principios e devidas ás mesmas causas as fontes dos antigos, as nossas differem essencialmente pela sua forma, porque as da Antiguidade parecem-se com um funil, e as nossas são aberturas de hum diametro igual, feitas por meio de huma sonda, cujo apparelho não he o mesmo das que servem para a mineração.

A fonte Artisiana mais antiga, que se conhece, he em Lillers, no Artois, praticada, segundo se diz, em 1126, e o nome de--Artisianas--conservado a esta especie de fontes, deriva-se do nome daquella provincia, na qual são hoje muito generalizadas.

O systema da sua construcção tinha ficado em esquecimento athe que em 1671 o celebre Dominico Cassini, chamado á França por Luiz XIV, fez conhecer as fontes, que, havia pouco tempo, se tinhão feito rebentar em Bolonha e Modena. Luiz XVI, nos primeiros annos do seu reinado, quiz animar com o seu exemplo a propagação destas fontes, e fez abrir huma á sua vista em Rambouillet, em 1780.

Nos ultimos tempos tem-se feito geral no norte da França a emulação da abertúra de semelhantes fontes, e vai-se communicando ao Sul, onde se sente mais a necessidade de procurar huma agoa limpida e abundante. A Sociedade Real e central d'Agricultura, publicando em 1828 o programa de hum concurso para estes trabalhos, não contribuio pouco para dirigir a este objecto os exforços de hum grande numero de propiectarios de diversos departamentos. Este zelo tem-se communicado ás outras nações, e podem-se citar os ensaios tentados recentemente na Espanha, na Italia, na Belgica, na Hollanda, no Egypto, em Columbia, nas Antilhas etc.

Considerações preliminares sobre as causas geologicas, ás quaes se devem as fontes Artisianas.

A agoa depois de se ter ellevado á athmosphera pela evaporação, torna a cahir em nevoeiros, orvalhos, neve, e chuva; e os montes parecem atrahir as nuvens mais particularmente (**).

Espalhadas assim sobre os montes as agoas pluviaes, filtrão-se para as suas cavidades interiores, seguem os declives das differentes supperposições das camadas da terra, e logo que se lhes offerece alguma sahida para a superficie da encosta, rebentão em forma de fontes, de regatos, ou de rios; mas aquellas que naõ achaõ sahida, procuraõ diversos caminhos, e penetraõ para o interior por todas as fendas, que podem encontrar: humas formaõ as correntes inferiores, que servem para alimentar os poços ordinarios, que se abrem em cima; e as outras parece que entraõ nos lugares mais profundos, debaixo de huma camada cre-calcarea, de donde naõ encontraõ meio de sahir. Se por qualquer meio se fura a parede desta especie de vaso impermia-

(**) He por causa da rarefacção, que o ar a huma certa altura, naõ pode mais sustentar as nuvens; as principaes massas d'ellas fluctuão na altura de 4,500 a 7,000 pes, sendo assim a altura media de mais de huma milha. A quantidade media de chuva he maior debaixo do Equador, e decresce á medida, que se caminha para os Polos. Assim calcula-se a chuva em 125 polegadas de agoa na cidade de Granada da America Espanhola, situada debaixo do 12° gr. de latitude; pelo contrario em S. Petrsburgo, situada debaixo do gr. 69, não cai mais de 12 polegadas de agoa; mas ainda que a quantidade de chuva annual seja muito maior na zona torrida, o numero dos dias chuvosos, segue huma ordem inversa, diminuindo á medida, que se passa das altas latitudes para o Tropico e para o Equador. Ha mesmo naquella zona lugares, onde chove rarissimas vezes, como o deserto de Sahara na Africa, as costas de Caracas, e as margens desertas do Perú, entre os gr. 15 e 30 de latitude Sul. A evaporação em geral he quasi igual á quantidade da chuva: nos terrenos ordinarios evapora-se de 30 a 38 polegadas: nos rios largos, e nos terrenos de superficies extensas e planas a quantidade da agoa, que corre para o mar, não excede a hum 5.° da que cai pela chuva, neve, e orvalho. Estas noções servirão para explicar muitos fenomenos.

vel, que contém o liquido, a agoa compulsida, sahirá com huma força proporcionada á pressaõ da massa supperior, e ellevar-se-ha, no tubo ajustado á abertura, athe ao nivel da agoa incluida nas altas cavidades. Tal he a explicaçaõ do fenomeno, que se observa nas fontes Artisianas. (*Continuar-se-ha.*)

ECONOMIA DOMESTICA.

Graxa para os carros, machinas, e fexaduras, etc.

He sabido que se costumão untar com graxa simples, ou com azeite, os corpos, que tem huma fricção habitual; para os relogios, por exemplo, emprega-se o azeite fino; para machinas mais volumosas, graxas animaes, ou azeites mais communs: com tudo a natureza destas materias altera-se com facilidade, e por isso he necessario muito cuidado, e o frequente renovamento d'ellas. Nós offerecemos a seguinte receita, que he de M. d'Arcet, e por elle usada com muito successo na caza da Moeda.

Tem-se aconselhado a plombagina (lapis) para facilitar, ou ajudar o movimento das machinas, e he de facto, que esta substancia favorece muito a rapidez dos movimentos.

Aquelle celebre Chimico usava della como se segue:

20 partes de plombagina em pó fino
80 partes de graxa.

Faze-se huma mistura bem exacta destas substancias; e preparada assim esta pomada offerece todas as condições, que se podem dezejar neste genero de preparação. M. d'Arcet empregava-a nas machinas da caza da Moeda, nas chaves e outros objectos, com igual successo. As chaves levemente untadas servem com huma extrema facilidade. Em huma longa viagem que fez este sabio, mandou untar a carroagem com aquella composição, em Pariz ao partir, e em Marselha ao voltar; e sendo muito pezada moveo-se com tal facilidade e rapidez, que admirava os postilhões. Aconteceu o mesmo a huma pessoa, que foi de Pariz a Roma; e a quantidade de pomada, que empregou foi taõ diminuta, que tendo recebido huma pequena caiza de folha com ella, entregou-a M. d'Arcet, com a metade.

COMMERCIO.

Extracto de huma carta de Pernambuco

Entrou ontem dessa o Brigue Escuna Mathildes com carnes novas: o Bergamtim Santa Maria está no resto, e tinha levantado o preço a 2600 e 2700.

As velhas, que havia, vão-se extrahindo, e todos os vasos estão em resto: deve-se isto em grande parte á falta de Bacalhau, que não ha nenhum, e mesmo porque o bom successo da expedição ao centro, lavrando grande terreno dos facciosos, deo lugar, a que os habitantes se tenhão mandado surtir dellas. Tudo o mais permanece em socego, e como os facciosos vão sendo batidos em todos os pontos, breve veremos a tranquilidade publica de todo restabelecida na Provincia.

Embarcações despachadas no dia 15.

Para Pernambuco, com escalla pelos portos do Sul, Patacho Bom Fim, M. João Rodrigues Barbosa Cruz, 20 couros de vacca, 5645 arrobas de charque.

Dito, Dito, Bergantim Principe Imperial, M. Joaquim José da Silva, 15 couros de novilho, 39 de vacca, 11228 arrobas de charque, 408 de sebo, 94 de graxa, 1464 chifres.

Para o Rio de Janeiro, Sumaca Nova Luz, M. Antonio Francisco Alcantara, 5492 couros de novilho, 675 ditos de vaca, 5578 chifres de vacca.

Dia 13.

Para o Rio de Janeiro, Brigue Escuna Correio de Campos M. Domingos José Caetano, 2637 couros de novilho, 1040 arrobas de sebo, 236 de graxa.

Para a Bahia, Bergantim Golfinho M. Antonio Francisco da Silva, 50 couros de vacca, 6400 arrobas de charque, 250 de sebo, 1000 chifres de novilho.

MOVIMENTOS DO PORTO.

Entradas no dia 17 de Fevereiro.

Do Rio de Janeiro, Berg. Ing. Primorose, 10 dias, em lastro; Esc. Carlota, 11 dias fasendas, e sal, Segue a P. A. (*Dia* 18) Da Bahia, Brig.-Esc. Pampeiro, 18 dias, sal. Do Rio de Janeiro Sum. Novo Mundo, 12 dias, sal, e vinhos.

RIO GRANDE 12 DE FEVEREIRO DE 1833.

Preços Correntes, não ha alteraçã.

CAMBIOS.

Rio de Janeiro	5 a 6 por cento.
Bahia	16 a 17 ,, ,,
Pernambuco	a par.
Dobrões Hesp.	22$500 a 23$000
Moedas de 6$400	12$000 a 12$800
Ditas de 4$000	6$000 a 6$400
Ditas de prata	45 a 46 por cento.

(ERRATA.) Pag. 24, 2.ª columna, 1.ª lin., em lugar de --- poperoso, --- leia-se --- poderoso ---. 2.ª lin., em lugar de --- Acreditem Brasileiros, pois os que --- leia-se --- Acreditem pois os Brasileiros, que ---.

VILLA DO RIO GRANDE 1833. NA TYPOGRAPHIA DE F. X. F. RUA DIREITA.